

Reviver a memória

Hélio Osvaldo Alves

Era ainda de noite quando chegámos, a Helen e eu. Nesse tempo (quando se fala assim, parece que nos estamos a referir a algum século passado), a viagem de automóvel entre Guimarães e Braga demorava cerca de vinte e cinco minutos, sem pressas. Com a confiança que nos dera a experiência de já muitas viagens, tínhamo-nos levantado um pouco antes das sete a fim de que pudéssemos estar à porta da Universidade antes das oito da manhã. E quando digo à porta da Universidade, quero dizer a uma das portas do majestoso edifício do Largo do Paço onde se iriam iniciar, nessa manhã, as primeiras aulas da Universidade do Minho.

Estava-se na semana anterior à semana do Natal de Dezembro de 1975 (não será *mesmo* no século passado?). A Comissão Instaladora da Universidade, presidida pelo Reitor, Prof. Doutor Lloyd Braga, tinha achado de boa política para a sobrevivência da Universidade como tal que as aulas se iniciassem nessa altura. Foi com alguma comoção, à mistura com algum orgulho por nos ser dado participar numa tal ocasião, que saímos do carro (parado à porta da sala de aula!) e nos dirigimos ao encontro dos alunos que nos aguardavam naquela ala direita do edifício onde hoje estão instalados a Tesouraria e os Serviços do Pessoal. Nessa altura, também havia aulas no Salão Medieval...

Na verdade, este momento vinha sendo preparado e aguardado desde Junho desse ano, altura em que nós os dois principiámos a colaborar, embora ainda não oficialmente, com aquilo a que se começaria por chamar a Unidade Científico-Pedagógica de Letras e Artes (UCPLA). Como em todos os começos, houve fartura de entusiasmo, algumas decepções, poucas, mas sempre muita vontade de prosseguir, apesar das contrariedades que, porventura (ou melhor, sem ventura), surgissem. A nossa sede era já o primeiro andar, esquerdo e direito, de um prédio de habitação situado na Rua D. Pedro V, em Braga, onde tínhamos os nossos gabinetes. Seria aí que começaria também a funcionar um simulacro de Biblioteca Geral que ocupava um espaço a que nessa altura se poderia chamar “nobre” no primeiro andar, direito – a sua pretensa sala de jantar. Daí que o maior espaço livre que parecia existir a seguir, e já que os gabinetes estavam ocupados pelas secretárias que ainda viriam a ser utilizadas em Gualtar aquando da mudança, era a cozinha.

Pois foi nessa cozinha que se principiaram a “cozinhar” algumas das resoluções mais importantes referentes ao futuro da UCPLA, do seu pessoal docente e não docente e dos seus cursos, pela simples razão de que foi ali que começámos a ter as nossas reuniões quase todas as semanas, uma espécie de Conselho Científico e de Gestão ecuménico. Como éramos poucos, estas reuniões eram sempre plenárias, só havendo faltas se um ou outro estivesse doente ou em serviço.

Para que a memória se não perca convirá, talvez, nomear aqueles que, nessa altura, durante os anos lectivos de 1975/76 e 1976/77, faziam parte da UCPLA: o Prof. Lúcio Craveiro da Silva, que era também membro da Comissão Instaladora, o Dr. Manuel Barreto, conhecido linguista e profundo estudioso dessa área, o Prof. Mendes Atanásio, cujos trabalhos sobre Arte eram nacionalmente reconhecidos, o Dr. José de Azevedo Ferreira, que estava a começar a preparar, nessa altura, o seu doutoramento em França, a Dr.^a Maria de Lourdes Barreiros Leite, sempre com uma palavra amiga e sabedora de boa colega que nunca deixou de ser, o Dr. Goulão, cujos conhecimentos de Francês e da sua pedagogia eram bem conhecidos, e o Dr. Fernando Rocha, cuja especialidade viria a ser a Literatura Portuguesa. Também eu tive a honra e o gosto de participar de tal grupo, tendo a Helen, *last but not least*, a ingrata tarefa de fazer as actas destas reuniões, as quais, por causa do seu zelo de precisão e pormenor, se tornavam por vezes de difícil redacção.

Recordo com saudade a célebre Páscoa de 1976 em que tivemos o grande prazer de receber em nossa casa, em Guimarães, para almoçar, todos estes colegas a fim de (imagine-se as desculpas que se arranjam!) fazermos a nossa reunião de notas... A este grupo, veio juntar-se no ano lectivo seguinte o Prof. Victor de Sá, contribuindo com o seu saber e experiência para o bom desenvolvimento dos trabalhos da sua área de especialidade e das nossas reuniões. Não posso também deixar de mencionar a nossa Secretária dessa altura, a D. Celeste, sempre atenciosa apesar de muito doente e, evidentemente, o Sr. Manuel Dinis que, quase desde a primeira hora, dava a sua ajuda preciosa às nossas experiências nas aulas do laboratório de línguas.

Naquela manhã de Dezembro que mencionei acima, o Prof. Lúcio Craveiro pediu à Helen que dissesse, em inglês, algumas palavras de boas-vindas aos primeiros alunos da Universidade do Minho dos cursos de Inglês-Português (não é gralha...) e de Relações Internacionais, cerca de três dezenas no total. Havia alguma magia pelo ar. As salas de aula, atapetadas com as mais fofas carpetes, convidavam (perdoe-se a graça) a sessões bem participadas a fim de que os alunos não fossem embalados por semelhante conforto que nunca mais viriam a ter (nem eles, nem nós...).

Recordo esses tempos, como é natural, com bastante saudade, especialmente o relacionamento límpido entre colegas e funcionários, o ambiente fraterno com os alunos, as festas (especialmente a do S. Martinho) em que toda a Universidade participava, e o sentimento de pertencer a uma instituição em que todos se conheciam e, mais do que tudo isto, em que ainda havia a possibilidade de sonhar. Os tempos mudaram-se e mudam-se, como é sabido, e por isso escrevi estas simples palavras para que esta memória se não perca.

31 de Agosto de 2001